



“O reino está em vós”: A questão da imanência em Nietzsche e Clarice Lispector

Quésia Oliveira Olanda¹

RESUMO: Pretendemos com este trabalho discutir a temática da imanência nos escritos de Friedrich Nietzsche e Clarice Lispector, tendo em vista a referência utilizada por ambos em seus escritos à célebre frase de Jesus Cristo que se encontra nos Evangelhos, a saber, “O reino está entre vós” (Lucas, 17.20-21), que indica uma certa mundanidade da mensagem crística. Para isso, trabalharemos algumas passagens de *O anticristo* (1888), obra tardia nietzschiana, na qual o autor retoma as suas críticas ao cristianismo, tecendo também elogios à figura de Cristo, bem como sua autobiografia intelectual, seu *Ecce homo* (1888). Já em Clarice, leremos fragmentos de *A paixão segundo G.H.* (1964), primeiro romance de Lispector a ser publicado em primeira pessoa, cuja temática perpassa – em alguma medida – a religião cristã. Além disso, serão citados outros textos clariceanos em que essa questão aparece, como o conto *Via crucis* (1974) e a crônica *Anunciação* (1968). Buscamos, portanto, elucidar um pensamento que se faz na fronteira entre filosofia e literatura, como uma ponte, que não separa, mas que atravessa.

PALAVRAS-CHAVE: Cristianismo. Imanência. Nietzsche. Clarice Lispector.

ABSTRACT: In this paper, we intend to discuss the theme of immanence in the writings of Friedrich Nietzsche and Clarice Lispector, considering the reference they both use in their writings to the famous phrase of Jesus Christ found in the Gospels, namely, “The kingdom is within you” (Luke 17:20-21), which indicates a certain worldliness of the Christian message. To this end, we will examine passages from *The antichrist* (1888), a late Nietzschean work in which the author resumes his criticisms of Christianity while also praising the figure of Christ, as well as his intellectual autobiography, *Ecce homo* (1888). In Clarice’s work, we will read fragments of *The passion according to G.H.* (1964), Lispector’s first novel to be published in the first person, whose themes permeate—to some extent—the Christian religion. In addition, other Claricean texts in which this issue appears will be cited, such as the short story *Via crucis* (1974) and the chronicle *Anunciação* (1968). We therefore seek to elucidate a thought that occurs on the border between philosophy and literature, like a bridge that does not separate, but crosses.

KEYWORDS: Christianity. Immanence. Nietzsche. Clarice Lispector.

¹ Doutoranda em História da Filosofia (PPGF/UFRJ), com doutorado sanduíche pela Universidade NOVA de Lisboa (IELT). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código do Financiamento 001. Endereço: Largo São Francisco de Paula, 1 - Centro, Rio de Janeiro - RJ. E-mail: olandaquesi@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-1436-0392>.

INTRODUÇÃO

[...] E há uma bem-aventurança física que a nada se compara. O corpo se transforma num dom. E se sente que é um dom porque se está experimentando, numa fonte direta, a dádiva indubitável de existir materialmente [...] Não é nem de longe o que mal imagino deva ser o estado de graça dos santos. Esse estado jamais conheci e nem sequer consigo adivinhá-lo. É apenas o estado de graça de uma pessoa comum que de súbito se torna totalmente real porque é comum e humana e reconhecível.

Estado de graça, Clarice Lispector

Mas o Deus é hoje: Seu reino já começou. E seu reino, meu amor, também é deste mundo.

A Paixão Segundo GH., Clarice Lispector

No ano anterior ao colapso de Friedrich Wilhelm Nietzsche, sua escrita floresceu demasiadamente. Obras como *Ecce homo*, *Crepúsculo dos ídolos* e *O anticristo* são frutos dessa época, dádivas daquele tempo. “Como não ser grato pela vida inteira?” Se pergunta o filósofo do martelo. Afinal, o que naquele ano era vida está salvo, é imortal (epígrafe, EH). O autor, infelizmente, não pôde acompanhar a publicação desses escritos, mas sabia da força que vestia cada um deles. Com relação ao seu *Anticristo*, o pensador alemão profere no prólogo que este não é um livro para qualquer um. Nietzsche sempre escreveu para sua posteridade. E, embora não estivesse “presente” após a publicação, quando elaborou este texto, tinha plena consciência de que a obra era extemporânea, isto é, intempestiva – característica concebida a seus livros da juventude, que anunciavam previamente o objetivo de todo o seu pensamento – assim como seus leitores e ele mesmo, como escreveu: “Alguns nascem póstumos”.

Pretendemos, então, com este ensaio discutir a temática da imanência nos escritos de Friedrich Nietzsche e Clarice Lispector, tendo em vista a referência utilizada por ambos em seus escritos – citada adiante – à célebre frase de Jesus que se encontra nos evangelhos, a saber, “O reino está em vós”² (Lucas, 17.20-21), que indica uma certa mundanidade da mensagem crística. Buscamos, portanto, elucidar um pensamento que se faz na fronteira, como uma ponte, que não separa, mas que atravessa. E é exatamente como uma ponte que Nietzsche em seu *Zaratustra* descreve o homem, como passagem (Prólogo, 4). Tal como sua percepção se encontra o cerne do presente texto: uma travessia, semelhante à errância de Riobaldo no *Grande Sertão*, ao dizer “atravessar as coisas”. Travessia essa que se faz na confluência.

2 Em algumas versões da Bíblia essa frase foi traduzida por “O reino está dentro de vós”, indicando, como na nota de rodapé da versão católica (*Bíblia de Jerusalém*), “uma realidade já atuante” (p. 1820).

É importante dizer que não é de hoje a querela entre filosofia e literatura. Essa discussão está presente desde os antigos, perpassando a história da filosofia, sendo, talvez, um dos assuntos mais longos dela, juntamente das discussões sobre poesia e filosofia. Não encaramos essa querela como expressões de submissão, superioridade ou separação, mas como uma *transação*, para falar nos termos de Benedito Nunes (2011).

No que concerne ao aporte teórico a ser utilizado, trabalharemos algumas passagens de *O anticristo* (1888), obra tardia ao qual o autor retoma suas críticas ao cristianismo e concebe inicialmente o livro como o primeiro volume de quatro de uma obra futura que seria chamada *Transvaloração de todos os valores*. Entretanto, tamanha potência e desenvolvimento desse texto que Nietzsche o reconhece como suficiente para engendrar seu projeto de transvaloração. Lemos, então, suas últimas palavras em *O anticristo* sobre isso: “E o tempo é contado pelo *dies nefastus* [dia nefasto] com que teve início essa fatalidade – pelo primeiro dia do cristianismo! – Por que não pelo último? A partir de hoje? – Transvaloração de todos os valores!...” (NIETZSCHE, 2016, p. 79).

Com relação à escrita clariceana, leremos fragmentos de *A paixão segundo G.H.* (1964), primeiro romance de Lispector a ser publicado em primeira pessoa, cuja temática perpassa também – em alguma medida – a religião cristã. Além disso, serão citados outros momentos que a autora de *Água viva* emprega a temática cristã em seus escritos. Vale enfatizar que a escrita tecida por Lispector e Nietzsche é costurada por muitas vozes, feita em diferentes estilos, característica que os une para além da questão do Cristo. Nietzsche, assim como Lispector, conduz as palavras como numa dança, ora dissertativa, ora metafórica, ora em cartas, ora aforismática. Um aspecto importante que os interligam, então, é o teor poético. Nossa proposta, portanto, versa em encontrar nos escritos desses autores a questão da imanência, tendo em vista suas semelhanças e aproximações.

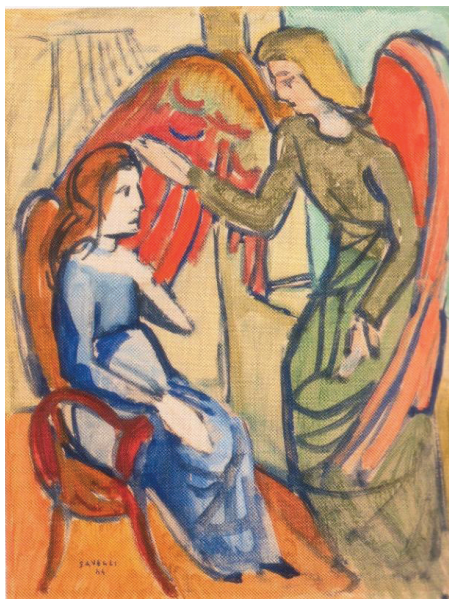
1 RASTROS DO CRISTIANISMO EM NIETZSCHE E LISPECTOR

O cristianismo perpassa as vidas e obras de Nietzsche e Clarice Lispector, ainda que, por vezes, por um olhar crítico, tal como as críticas que permeiam a filosofia do martelo no que tange a moral cristã. Podemos notar que a temática cristã está presente desde as primeiras publicações de Nietzsche. No prefácio de *Além do bem e do mal*, a título de exemplo, o pensador afirma que, inclusive, o “cristianismo é o platonismo para o povo”. Sobre isso, Müller Lauter (2009) tece um comentário com base nas palavras de Nietzsche em *O crepúsculo dos ídolos*, ao afirmar ironicamente que Platão seria um “cristão-pré existente”, justamente por ter permitido, em favor da moral, “a mentira e a ficção da verdade”, “o não efetivo ao existente” e, por sua vez, inventou, tal como fizeram postumamente os cristãos, um “mundo verdadeiro” para além do único mundo dado (Müller Lauter, 2009, p. 147).

Os títulos dado às obras nietzschianas também expressam esse gesto, como em sua autobiografia intelectual, *Ecce homo*, no qual Nietzsche faz uma alusão a frase “Eis aí o homem” (João 19,5) pregada no madeiro de Cristo por ordem de Pilatos, segundo a narrativa bíblica.

Nietzsche, por sua vez, ao nomear sua obra da mesma maneira, não somente se identifica com Jesus, mas também se apresenta como um antípoda a ele. Um outro dado crucial a ser destacado é que o pensador alemão, além de ter nascido em um lar cristão e ter sido filho de pastor luterano, passou por uma formação religiosa – embora tenha se afastado dela ainda muito jovem, quando abandonou o curso de teologia para estudar filologia.

A religião cristã também atravessa, de certa forma, os caminhos clariceanos, dado o fato da romancista ser de origem judaica. Para além de *A paixão segundo GH.*, Clarice Lispector, por vezes, faz menção a elementos religiosos em cartas, contos e crônicas. Vemos, a título de exemplo, na crônica intitulada *Anunciação* (1868)³, na qual a autora faz uma espécie de análise de um quadro de Angelo Savelli, pintor italiano, que contém o mesmo título, trazido de uma de suas viagens à Europa na década de 1940. A obra, por sua vez, retrata um cenário cristão, o momento em que o anjo Gabriel visita a virgem Maria e anuncia que em breve dará a luz ao menino Jesus. Lispector afirma se renovar nesta pintura, humanizando o divino, atrelando à missão de Maria com a vida mais mundana, reconhecendo que “cada ser humano recebe a anunciação [...], como se houvesse para cada um, em algum momento da vida, a anunciação de que há uma missão a cumprir” (Lispector, 1999, p. 158). Vejamos, então, a “Anunciação”:



Angelo Savelli, *Anunciação*, 1944, Óleo sobre papel, 36 x 28 cm. Rio de Janeiro. Fonte: IMS.

O sentido, entretanto, que Clarice Lispector emprega ao quadro de Angelo Savelli, bem como a temática cristã não se refere à ortodoxia religiosa propriamente, pois a escritora redefina o divino, segundo Vilma Arêas, em *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*, de forma material e apaixonada (Arêas, 2005, p. 46). Além disso, o teor religioso em Clarice se dá num gesto trivial e ordinário, através do que é mais mundano.

³ Falamos mais sobre esse assunto no ensaio *Objeto Gritante: Escrevendo do avesso com Clarice Lispector* (2024), publicado na Revista Dobra, vinculada à Universidade NOVA de Lisboa, em parceria com a UFRJ, PUC-Rio e USP.

2 A QUESTÃO DA IMANÊNCIA EM NIETZSCHE

A filosofia nietzschiana é afirmativa, alegre, dionisiaca. Há nela um chamamento para o corpo, para os sentidos. O corpo, inclusive, é concebido por Nietzsche em *Assim falou Zaratustra* como “grande razão” (Nietzsche, 2018, p. 33). A noção de *amor fati* apresentada na *Gaia ciência*, mas que atravessa todo o pensamento de Nietzsche, também expressa esse movimento, por se tratar justamente de uma afirmação total da existência e por amar a vida em todos os sentidos. Isso se atrela à questão da imanência que estamos desenvolvendo, sobretudo, no que se refere à interpretação de Nietzsche da prática cristã. É, portanto, sobre isso que gostaríamos de nos ater neste momento do texto.

Nietzsche demarca claramente em seu *Anticristo* as diferenças entre a figura de Jesus Cristo, sua mensagem beata com o que mais tarde fizeram dela, sobretudo, a partir do apóstolo Paulo. No entender do filósofo alemão, a primeira comunidade cristã já nasceu erroneamente, considerada por ele como um “disangelho” (Nietzsche, 2016, p. 44). Dentre tantas deturpações feitas a mensagem do fundador dessa religião, Nietzsche menciona as interpretações do teólogo francês Ernest Renan na obra *A vida de Jesus*, cuja compreensão versa em Jesus como um “herói”, no sentido bélico da palavra, dotado de força física. A interpretação desse teólogo se atrela à forma como os judeus esperavam o Cristo, a saber, como aquele que iria salvá-los à base de guerras. Contrariando essa visão, Jesus, além de ter nascido em um estábulo, iniciou seu ministério e entrou em Jerusalém (Mateus 21. 1-11) montado em um jumentinho, manso e humilde, espalhando apenas mensagens pacíficas e amorosas. De acordo com o filósofo do martelo, a perspectiva de Renan é errônea e deturpa totalmente a mensagem do evangelho de Cristo.

No entanto, apesar dos evangelhos e apesar dos traços mutilados pela tradição da figura de Jesus, Nietzsche, por outro lado, atrela o tipo psicológico² de Cristo ao termo “idiota”, que se encontra na literatura de Fíodor Dostoiévski. Para além do *Anticristo*, podemos perceber essa relação em um fragmento póstumo 15 [9] da primavera de 1888, no qual o autor de *Zaratustra* demonstra estima por Dostoiévski e enxerga em sua obra um meio para contrapor a cristologia de Ernest Renan. Deixemos, então, Nietzsche falar:

Eu conheço apenas um psicólogo que viveu num mundo onde o Cristianismo é possível, onde um Cristo pode surgir a qualquer momento. É Dostoiévski. Ele adivinhou Cristo: – e ele permaneceu insistentemente protegido da representar esse tipo com a vulgaridade de Renan (Nietzsche, 1980, p. 409).

Nietzsche, então, interpreta o termo “idiota”⁴ não no sentido pejorativo, no qual estamos acostumados, mas sim no sentido grego do termo, isto é, como um ignorante, alheio ao

4 Nietzsche utiliza em muitos momentos o termo “tipo psicológico”. Antonio Edmilson Paschoal comenta que esse recurso nietzsche, ao modo de uma obra de arte, é usado para “tornar possível a descrição de um fenômeno, um estado de coisas ou, mais propriamente, de uma configuração psicológica que, mesmo sendo fluida ganha uma certa estabilidade no interior de uma construção argumentativa” (Paschoal, 2016, p. 636).

Estado. Essa interpretação se entreleça com o romance *O idiota* (1868) de Fiodor Dostoiévski, que conta a história do príncipe Míchkin, cuja índole se assemelha a de Cristo, por conta de sua beatitude e por se mostrar como um personagem que também não se enquadra aos valores de seu tempo. O termo, comenta Oswaldo Giacoia, procura ressaltar o lado afirmativo, não ressentido, da figura de Jesus, libertada de toda inclinação para a negação e a oposição, cujo ensinamento brota exclusivamente da única realidade conhecida e vivenciada, da realidade do mundo interior. Para Nietzsche, Jesus tem que ser fatalmente mal-entendido se o consideramos como Salvador, sendo necessário compreendê-lo como aquele que viveu e pregou unicamente uma “religião do amor” (Giacoia, p. 15-16).

Um ponto importante a ser tratado é que Nietzsche vê na figura de Jesus um exemplo de “espírito livre” – noção fundamental para o pensamento nietzschiano que, inclusive, é subtítulo de uma de suas grandes obras, a saber, *Humano demasiado humano, um livro para espíritos livres* –, pelo fato de em sua práxis evangélica não ter dependido da moral vigente para propagar sua mensagem. Vejamos, então, o que disse o autor: “Seria possível, com alguma tolerância da expressão, chamar Jesus ‘um espírito livre’ – ele não faz caso do que é fixo: a palavra mata, tudo o que é fixo mata” (Nietzsche, 2007, p. 39). No entendimento de Nietzsche, um “espírito livre” é aquele que é capaz de se desvencilhar completamente da moral estabelecida e, a partir disso, criar novos valores, sendo uma espécie de extemporâneo diante da tradição em que está inserido. É, portanto, esse caminho que, segundo Nietzsche, Jesus seguiu.

Para o filósofo alemão, Jesus não considerou realidades externas, se atendo única e exclusivamente às realidades interiores. O pensador alemão alega ainda que Cristo enxergou o reino de Deus não como uma realidade vindoura, como uma promessa ou algo transcendente, mas como um “estado do coração”, que pode ser experienciado aqui e agora. Müller Lauter segue os fios dados por Nietzsche e afirma que, “para Jesus, esse reino consistia na ausência de antagonismos a ser realizada no presente, mas ele foi transferido para o futuro” (Müller, 2009, p. 158). Além disso, podemos ver no posfácio da tradução de *O Anticristo* Paulo César de Souza um comentário a respeito de Jesus, no qual o tradutor reafirma que “as noções de culpa, castigo e recompensa lhe seriam estranhas, invenções da comunidade cristã inicial, liderada por Paulo” (Souza, 2020, p. 153). A história do cristianismo, portanto, se mostra como uma verdadeira incompreensão da mensagem original propagada por seu fundador, e é por isso que Nietzsche diagnostica que “houve apenas um cristão, e ele morreu na cruz” (Nietzsche, 2016, p. 34).

Deste modo, a experiência cristã, de acordo com a interpretação nietzschiana, se encontra na própria imanência, no aqui e agora, no que é mais mundano, e não em uma realidade vindoura. Para elucidar essa interpretação, Nietzsche menciona a passagem bíblica em que o próprio Jesus diz o mesmo, anunciando que esse reino é “uma realidade já atuante”, fazendo uma espécie de paráfrase dela:

[...]. O “reino do céu” é um estado de coração – não algo que virá “acima da Terra” ou “após a morte” [...] O Reino de Deus não é nada

que se espere; não possui ontem nem depois de amanhã, não virá em “mil anos” – é a experiência de um coração; está em toda parte, está em nenhum lugar... (Nietzsche, 2016, p. 41).

A concepção nietzschiana imanente da religião cristã e da beatitude do Cristo, portanto, se mostra também como um gesto de ressignificação, como um outro olhar para essa tradição. Esse reino revelado de forma metafórica por Jesus não possui traços meramente escatológicos, ligados ao porvir. E, conforme comenta Oswaldo Giacóia, o “reino de Deus” não é pensado por Jesus como uma promessa além-mundo e de um paraíso ultramundano, mas justamente como vivência plena e atemporal do amor e da renúncia a toda oposição, a toda forma de ressentimento (Giacóia, 1997, p. 39).

3 A QUESTÃO DA IMANÊNCIA EM CLARICE LISPECTOR

Com relação à imanência na obra de Clarice Lispector, podemos observar uma passagem da conferência *Literatura e magia* escrita para a conferência de bruxaria na Colômbia, na qual ela diz o seguinte: “Tudo é muito misterioso, mas não creio que prove o mistério e creio mesmo que tudo no fundo é mágico. Para mim a chuva caindo é a magia da natureza. Não busco a magia no sobrenatural: encontro-a dia a dia nos chamados fenômenos naturais” (Lispector, 2005, p. 124), enfatizando sua interpretação do divino na trivialidade da vida.

Essa misticidade pode se expressar na comparação que Lispector faz da condição humana de *A Paixão Segundo G.H.* O romance, publicado pela primeira vez em 1964, sendo o primeiro de Clarice a ser escrito em primeira pessoa, conta a história de G.H., uma escultora que vive em uma cobertura no Leme, zona sul do Rio de Janeiro. O enredo se desdobra a partir do momento em que G.H. – cujo nome não foi revelado, somente as iniciais –, sentada à mesa do café decide arrumar a casa, igualmente o quarto da antiga empregada Janair, pois imaginava que estivesse bagunçado e sujo. No entanto, o quarto estava limpo e iluminado. G.H. se reconhece em cada detalhe daquele cômodo, sobretudo, ao avistar uma barata no guarda-roupa de Janair que a faz recordar da infância, e por ela é atraída, desejando ingeri-la. Nádia Gotlib com sobre a experiência de alteridade vivida por G.H.: “É como uma ‘caixa de surpresas’, que se abre numa série de imagens, alegoria de um processo de encontros: simultaneamente encontro com o outro, consigo mesmo e, no sentido geral, encontro com o ‘outro sentido’ das coisas (Gotlib, 2013, p. 448).

Vale ressaltar que a obra clariceana é tecida como um fluxo de pensamento e existe um certo teor místico nela, como menciona Benedito Nunes (1995) em *O drama da linguagem*, reconhecendo o itinerário místico da escritora. Essa misticidade pode se expressar na comparação que Clarice Lispector faz da condição humana com a paixão de Cristo (Lispector, 2020 p.177) e, ainda, em dado momento, Lispector faz uma alusão ao “reino de Deus”, enfatizando a imanência. Deixemos, então, sua palavra ecoar:

Mas ouve um instante: não estou falando do futuro, estou falando de uma atualidade permanente. e isto quer dizer que a esperança não

existe porque ela não é mais um futuro adiado, é hoje. porque o deus não promete. ele é muito maior que isso: ele é, nunca para de ser. somos nós que não aguentamos esta luz sempre atual, e então a prometemos para depois, somente para não senti-la hoje mesmo e já. O presente é a face hoje do Deus. O horror é que sabemos que é em vida mesmo que vemos Deus. Que sei que o que estou dizendo é grave e pode me destruir. Porque - porque é como se eu estivesse me dando a notícia de que o reino dos céus já é. E eu não quero o reino dos céus, eu não o quero, só aguento a promessa [...] Antes eu esperava. Mas o Deus é hoje: Seu reino já começou. E seu reino, meu amor, também é deste mundo (Lispector, 2020, p. 147-148).

Mencionamos parte dessa passagem na epígrafe que abre o presente texto, pois ela possui relação tanto com as *Sagradas Escrituras* quanto com as palavras de Nietzsche em *O Anticristo*, quando profere acerca do cristianismo que, segundo a perspectiva nietzschiana, deturpou a mensagem do evangelho, levando-a para um lado punitivo, cuja recompensa se dá no porvir, conforme tratado ao longo do presente texto.

CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, podemos perceber que o Deus na perspectiva de Clarice Lispector se encontra em uma outra temporalidade, isto é, seu Deus é hoje, assim como vimos que a mensagem crística, segundo Nietzsche, se encontra na imanência. “O reino dos céus já é”, e não está reservado para um além-mundo, não se mostra como uma promessa, não será revelado somente em outra vida, mas está aqui e agora. É como o “instante-já” tematizado por Lispector em sua *Água viva*, cujo caráter é fugidio. É ainda como um “estado de graça” mencionado em diversos escritos da autora que, “não é nem de longe o que mal imagino deva ser o estado de graça dos santos” (Lispector, 2020, p. 93), estado esse que ela diz jamais ter conhecido e nem sequer consegue adivinhá-lo. Esse estado, portanto, “é apenas o estado de graça de uma pessoa comum que de súbito se torna totalmente real porque é comum e humana e reconhecível” (Lispector, 2020, p. 93-95). É imanente. É deste mundo. É humano, demasiado humano.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Direção editorial de Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 2002.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota*. Trad. José Geraldo Vieira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- ERNEST, Renan. *A vida de Jesus*. Trad. de Thomaz da Fonseca. Porto: Livraria Chardon de Lelo e Irmão, 1945.
- GIACÓIA JR, Oswaldo. *Labirintos da alma – Nietzsche e a auto-supressão da Moral*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.
- GOTLIB, Nádia Batella. *Clarice, uma vida que se conta*. São Paulo: Edusp, 2013.

- LISPECTOR, Clarice. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- LISPECTOR, Clarice. *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- Müller-Lauter, Wolfgang. *Nietzsche: sua Filosofia dos Antagonismos e os Antagonismos de sua Filosofia*. Trad. Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo e Ditirambos de Dionísio*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NUNES, Benedito. *O Drama da Linguagem, uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1973.
- NUNES, Benedito. Poesia e filosofia: uma transa. *A Palo Seco*. n. 3, p. 8-17, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/apaloseco/article/view/n3p8>. Acesso em: 20 out. 2025.
- OLANDA, Quésia. Objeto Gritante: Escrevendo do avesso com Clarice Lispector. *Dobra*. n.14, p. 1-16, 2024. Disponível em: https://revistadobra.weebly.com/uploads/1/1/1/8/111802469/que%CC%81sia_olanda.pdf. Acesso em: 20 out. 2025.
- PASCHOAL, Antônio Edmilson. A figura de Jesus nos escritos de Nietzsche. *Rev. Filos., Aurora*, Curitiba, v. 28, n. 44, p. 633-652, maio/ago. 2016.

Artigo Submetido em 11/09/2026 e aprovado em 19/09/2025

Breves informações sobre o autor: Doutoranda em História da Filosofia (PPGF/UFRJ), com doutorado sanduíche pela Universidade NOVA de Lisboa (IELT). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código do Financiamento 001.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-1436-0392>

E-mail: olandaquesi@gmail.com

Endereço: Largo São Francisco de Paula, 1 - Centro, Rio de Janeiro - RJ

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Rafael Gonçalves Silveira, Adriano Geraldo da Silva